

# Analistas da City defendem medidas do BC brasileiro

Economistas que atuam no centro financeiro de Londres afirmam que país é bem diferente da Ásia

Cassia Maria Rodrigues

Correspondente

• LONDRES. Quem primeiro caiu de cama foi o Sudeste da Ásia. Tailândia, Indonésia, Cingapura, Malásia e outras economias mais frágeis tiveram que empurrar goela abaixo o amargo remédio da desvalorização de suas moedas. Acabaram em coma profundo. Esbanjando saúde, Hong Kong parecia imune. Por pouco não tem de ser socorrido no Centro de Terapia Intensiva. Do outro lado do mundo, chegou a vez dos emergentes latino-americanos serem atingidos pelo surto. Um tratamento de choque livrou o Brasil da morte anunciada.

Na verdade, praticamente todo o mercado global baixou ao hospital na última semana. Até o primo rico — os EUA — teve que ajustar os preços das ações de suas empresas à nova realidade.

O que analistas econômicos da City discutem agora é o destino final dos investimentos que migraram para os bônus do Tesouro dos EUA, considerados um porto seguro pelos investidores assustados com a crise. Ninguém duvida de que houve um aumento significativo do risco de investimentos em mercados emergentes. Em consequência, economias como a do Brasil vão ter que pagar um prêmio maior para atrair investidores.

— Não é o tipo de investimento

de que o país precisa, mas, na falta

de outro, o Banco Central vai

aceitar tudo — prevê Amalia Estensoro, economista-executiva

do HSBC de Hong Kong.

## Brasileiros na City trabalharam para fortalecer imagem do país

Ao praticamente dobrar a Taxa Básica do Banco Central (TBC), de 1,58% para 3,05%, e a Taxa de Assistência do Banco Central (Tban), de 1,78% para 3,23%, o presidente do Banco Central, Gustavo Franco, afugenta o investidor das bolsas.

— Mas o maior fluxo de investimentos para o Brasil é direto. É capital de longo prazo. O investimento em bolsa por parte de estrangeiros sempre foi pequeno — minimiza Richard Gray, economista-chefe do setor de emergentes do Bank of America.

Embora o Brasil tenha sido um dos alvos preferidos de especuladores esta semana, economistas brasileiros na City trabalharam para fortalecer a credibilidade do país no mercado externo. E deixar claro que Brasil e países asiáticos têm realidades econômicas distintas.

— Os que não entendem de

economia não olham os números e acham que o que aconteceu nos países da Ásia pode acontecer no Brasil. É muito mais difícil quebrar o Brasil do que se imagina. A economia dos países asiáticos é completamente aberta. Eles têm moedas conversíveis, ou seja, qualquer um pode comprar e vender à vontade. Não é o caso do Brasil, que tem um mercado monetário muito controlado. Não dependemos nem de exportações nem de importações. É claro que temos todas as condições de defender a moeda — argumenta Pedro Regino, da BB Securities.

## Analistas defendem conclusão da reforma constitucional

Num ponto, os analistas da City concordam. O mercado global está passando por uma busca de qualidade. Investidores estão avaliando cuidadosamente todos os mercados, tirando dinheiro de companhias mais especulativas. Alguns, tirando inclusive seus recursos da renda variável e colocando na renda fixa ou na caderneta de poupança, como reagiram os investidores brasileiros no primeiro momento de crise.

— Uma coisa é certa: não foi a Ásia que atingiu o Brasil. Quando começou a crise na Ásia, nada aconteceu no Brasil. De repente, os Estados Unidos começaram a promover uma correção em seu mercado e todos os países da América Latina tiveram que fazer o mesmo. O que acontece é que o investidor dos Estados Unidos sai da bolsa e entra em renda fixa. A renda fixa americana parecia mais atraente que a brasileira, porque o mercado brasileiro não estava pagando tanto, e sob um risco enorme. Os juros tinham mesmo que acabar sendo aumentados. Não havia outra forma — conclui Amalia Estensoro, do HSBC.

Peter West, do Banco Bilbao Vizcaya, defende a conclusão das reformas constitucionais no Brasil.

— A confiança do investidor no mercado brasileiro vai voltar. O Brasil é vulnerável porque tem um déficit público enorme. E ele é consequência da Constituição de 1988. E a única maneira de reverter isso é mudando a Constituição. Eu espero que as pessoas que aprovaram percebam que é preciso mudá-la para restaurar a confiança do investidor estrangeiro — afirma West.

— Em tempos de eleição, a pressão política será muito maior. Será difícil para o Governo efetuar as mudanças agora — arremata David Sadler, analista econômico do Kleinwort Benson. ■